

Doenças de São Paulo

Todos os males endêmicos do Estado por regiões administrativas

S. J. Rio Preto
69 casos de malária (casos não contraídos na região)
58 de esquistossomose (casos não contraídos na região)
158 mortes por doença de Chagas

Aracatuba
72 casos de malária (20 autóctones)
8 de esquistossomose (casos não contraídos na região)
49 mortes por doença de Chagas

Ribeirão Preto
95 casos de malária (casos não contraídos na região)
510 de esquistossomose (9 autóctones)
327 mortes por doença de Chagas
7 mil casos de dengue na região de Ribeirão Preto, todos autóctones, nos verões de 1990/91

Campinas
154 casos de malária (casos não contraídos na região)
1.604 de esquistossomose (119 autóctones)
135 mortes por doença de Chagas

Presidente Prudente
126 casos de malária (3 autóctones)
57 de esquistossomose (casos não contraídos na região)
29 mortes por doença de Chagas

Vale do Paraíba-Litoral Norte
31 casos de malária (3 autóctones)
976 de esquistossomose (513 autóctones)
15 mortes por doença de Chagas

Marília-Bauru
96 casos de malária (casos não contraídos na região)
210 de esquistossomose (32 autóctones)
110 mortes por doença de Chagas

Grande São Paulo
401 casos de malária (1 autóctone)
10.326 de esquistossomose (36 autóctones)
551 mortes por doença de Chagas

Sorocaba
42 casos de malária (1 autóctone)
205 de esquistossomose (casos não contraídos na região)
69 mortes por doença de Chagas

Vale do Ribeira, Baixada Santista
49 casos de malária (12 autóctones)
1.450 de esquistossomose (400 autóctones)
14 mortes por doença de Chagas



Esquistossomose



Malária



Chagas

Observações
1) Últimos levantamentos feitos pela Superintendência de Controle de Endemias da Secretaria Estadual de Saúde. Os dados sobre malária são de 1991, esquistossomose de 1990, e mal de Chagas de 1987.
2) Casos autóctones são aqueles que tiveram origem na própria região.
Fonte: Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN)

São Paulo enfrenta malária, dengue e Chagas

GALENO AMORIM

RIBEIRÃO PRETO — Apesar das estatísticas generosas e da qualidade de vida que sempre provocam algumas comparações com países do Primeiro Mundo, o rico interior de São Paulo ainda não conseguiu ser excluído do mapa oficial do país das endemias. A doença de Chagas continua a matar 1.600 pessoas a cada ano. A malária está presente em praticamente todas as regiões do Estado e a ameaça de a dengue se transformar em endemia é tão séria que o assunto se tornou a prioridade da Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN), da Secretaria Estadual de Saúde.

A migração das populações do campo para a cidade e o desenvolvimento da zona rural nas últimas décadas reduziram o número de doentes, mas não foram suficientes para acabar, por exemplo, com a esquistossomose ou a leishmaniose — esta uma doença de pele que ficou conhecida como "úlceras de Bauru" por causa da grande incidência na região

central do Estado. Só no ano passado foram registrados 104 casos de leishmaniose no Vale do Ribeira e na região de Presidente Prudente.

Estatísticas — A esquistossomose atingiu 15.404 pessoas em 1990, um número que vem se mantendo constante na última década — um terço dos casos foram registrados no Interior, onde a doença vem diminuindo a cada ano. A região de Campinas (1.604 casos) e a zona que vai da Baixada Santista ao Vale do Ribeira (1.450) lideram as estatísticas, seguidas pelo Vale do Paraíba (976), Ribeirão Preto (510) e Marília (210), mas ainda assim numa situação bem melhor que a da Grande São Paulo, que teve 10.326 doentes — mais que em 1985. A maioria dessas pessoas contraiu a doença em outros Estados, mas pelo menos 1.100 delas foram contaminadas nos rios e lagoas paulistas.

"A história das endemias em São Paulo está diretamente ligada à migração", observa a pesquisadora da SUCEN e diretora da Sociedade Brasileira

de Medicina Tropical, Dalva Marli Wanderley, uma estudiosa dos danos causados pela doença de Chagas em São Paulo. Segundo ela, entre 1977 e 1986 ocorreram em média 1.537 mortes por ano. Como não foi registrado nenhum caso de transmissão pelo barbeiro no Estado desde o início dos anos 70, observa Dalva, tratavam-se de portadores antigos ou de migrantes. Isso explica as 327 mortes causadas por doença de Chagas num único ano na região de Ribeirão Preto, bastante procurada por migrantes, acrescenta o médico sanitário Amaury Dal Fabbro, que prepara tese de mestrado sobre endemias na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Febre amarela — Um dos aspectos positivos do combate às endemias é a erradicação da febre amarela em São Paulo a partir da década de 40. No início deste ano foram registrados dois casos no Estado, mas os pacientes haviam contraído a doença em Mato Grosso do Sul. A malária continua

presente nas áreas litorâneas próximas à Mata Atlântica. No Oeste, a dengue pode se tornar endêmica, segundo admite a Secretaria de Saúde. Em 1991, foram registrados 1.135 casos de malária no Estado — 401 na Grande São Paulo —, com 5 mortes.

A maioria era de portadores da doença vindos da região amazônica e que foram picados pelo mosquito transmissor. Isso provocou o aparecimento de 20 casos autóctones em Aracatuba, 12 na Baixada Santista—Vale do Ribeira, três em Presidente Prudente, três no Vale do Paraíba, um na Região Metropolitana e um em Sorocaba. "Os mosquitos estão presentes no Estado todo, que merece uma vigilância permanente", afirma Dalva.

A dengue provocou cerca de 7 mil casos no verão passado em 38 municípios da região de Ribeirão Preto. Neste verão, foram registrados 52 casos em sete cidades. Se a infestação pelo mosquito transmissor não for controlada, alerta Amaury Dal Fabbro, o Interior vai ganhar nova endemia.

Mary Abboud/AE



Aparato de guerra

Funcionário combate a dengue em Ribeirão Preto: doença pode se tornar endêmica no Oeste do Estado